

PUCViva

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

REUNIÃO ABERTA

Professores analisam propostas para o redesenho institucional

Nesta quinta-feira, 31/5, às 18h, a APROPUC realizará uma reunião aberta no auditório de sua sede, sobre o chamado redesenho institucional da universidade.

No ano passado o Ministério Público apresentou uma série de exigências à PUC-SP, elencadas no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Entre elas estava a revisão dos estatutos, encaminhada pelo Consun, que elaborou um cronograma para apresentação e discussão das propostas.

Até agora, a discussão desses temas pela comunidade tem sido apenas superficial. O *blog* criado na Internet pela Comissão de Redesenho Institucional (Cori) teve poucas propostas inscritas e praticamente nenhum debate. A Reitoria, no entanto, elaborou algumas idéias, que foram apresentadas em reuniões com parcelas da universidade. Essas propostas, não divulgadas no *blog* da Cori, apontam para mudanças significativas na estrutura da universidade, que teria em sua direção somente um reitor e seu vice, ficando a cargo desse reitor nomear mais nove pró-reitores. Os Centros e as Faculdades desapareceriam, dando lugar aos denominados Institutos, que agrupariam os cursos. Também seriam criadas três câmaras, uma de graduação, outra de pós e uma terceira de extensão.

Os funcionários realizaram uma primeira discussão na semana retrasada, em que criticaram duramente a proposta da Reitoria, principalmente pelo seu caráter centralizador. O *PUCviva* desta semana traz depoimentos de professores e estudantes sobre a proposta da Reitoria e os rumos que a elaboração do novo estatuto estão tomando.



ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO CUT

Professores estaduais reúnem-se na avenida Paulista

Nas ruas e universidades, cresce a mobilização

Apropuc e Afapuc se solidarizam com os movimentos

Ao longo da semana passada, a mobilização de diversos setores da sociedade movimentou o cotidiano paulistano. O dia 23 de maio foi centro de intensas manifestações dos movimentos sociais e da juventude. A ocupação da Reitoria da USP pelos estudantes ampliou seu espectro, conseguindo o apoio de funcionários e professores. Confira nas páginas internas a cobertura completa.

As diretorias da AFAPUC e da APROPUC manifestaram seu apoio e solidariedade aos funcionários, professores e estudantes que se mobilizam na USP. Também ressaltaram o repúdio aos decretos do governador José Serra e às suas medidas repressivas, como a ameaça de reintegração de posse. Na quinta-feira, o di-

retor da APROPUC Hamilton Octavio de Souza, proferiu uma palestra sobre a Luta pela Democratização da Comunicação, na Reitoria ocupada. Na semana anterior, José Arbex Jr., também professor da PUC-SP, participou de atividades como o debate *A guerra da energia*.

Moções de apoio chegam diariamente à Comissão de Comunicação do movimento. Professores e intelectuais, inclusive diretores da APROPUC, em abaixo-assinado, pedem solidariedade e colocam-se contra a invasão da polícia e a agressão aos estudantes. A AFAPUC enviou moção de apoio à USP manifestando solidariedade à luta de professores, funcionários e estudantes pela manutenção da democracia e autonomia universitária.

Ocupação da reitoria, o resgate da dignidade

A ocupação da Reitoria da USP pelos estudantes, independentemente do desfecho determinado no embate com o poder constituído e a força das armas, recolocou na ordem do dia várias questões que são relevantes para movimento estudantil, o meio universitário e a sociedade em geral.

A burocracia acadêmica, responsável pela gestão da Universidade, não havia esboçado a menor reação diante da manobra safada do governador José Serra, do PSDB, que quis controlar a instituição por meio de medidas camufladas e indiretas.

Ao contrário, a burocracia acadêmica acovardou-se e tornou pública a sua falta de compromisso com os valores mais sagrados da Universidade, revelou o seu despreparo para o diálogo e para a democracia. À reitoria, insensível e incompetente, só resta renunciar.

Se os estudantes não tivessem entrado em ação para defender a Universidade e não tivessem ocupado a Reitoria – um gesto legítimo nas instituições usurpadas pelas castas autoritárias e elitistas –, certamente a solerte academia teria engolido as manobras governamentais sem dar um pio.

O que os estudantes lembraram para todos, é que a prepotência do discurso economicista e tecnocrático precisa ser impedida de continuar destruindo o espaço e a vida universitária; que é preciso parar com os sacrifícios impostos ao ensino superior em nome das leis predatórias do neoliberalismo; e que a Universidade precisa investir em professores, salários, instalações e, especialmente, na abertura de suas portas para a sociedade e na liberdade criativa e transformadora.

Se a reitoria não tivesse sido ocupada, dificilmente essas questões teriam entrado na agenda das autoridades, mesmo porque o papel rastejante da burocracia acadêmica tem sido o de cumprir levemente as imposições do sistema dominante sem qualquer questionamento, reflexão, debate e resistência. Tudo faz para se manter incrustada no aparelho que lhe permite delinquir.

Do outro lado, a ocupação da reitoria demonstrou cabalmente que o governo do Estado não dispõe de quadros – pessoas – capazes de dialogar com a juventude, com os estudantes universitários e com quem reivindica alguma coisa. Tanto é que o tucano Serra, ironicamente um ex-presidente da UNE, indicou a Polícia Militar para “negociar” com os estudantes.

Num Brasil em que os poderes da República e o empresariado se afundam na lama da privatização dos negócios públicos e na corrupção, em que a Universidade mercantiliza sua relação com a sociedade e a academia e a intelectualidade abandonam seus compromissos com o povo e com o País, a reserva ética e a esperança renascem com a juventude – em momentos como esse de tomada de posição, de risco e de resgate da dignidade.

Quem olha o que está acontecendo na Universidade apenas com a visão doente da paranóia, não quer mesmo construir o novo, o futuro, o que precisa ser mudado. Prefere padecer na sua própria arrogância e egoísmo. Não irá entender jamais que a história continua, e que amanhã será outro dia.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

EVENTOS

Semana de Jornalismo debate América Latina

Com o tema *O compromisso do jornalismo na nova realidade da América Latina*, a Semana de Jornalismo, organizada pelo Centro Acadêmico Benevides Paixão e pelo Departamento de Jornalismo, terá este ano uma programação recheada de debates, oficinas e outras atividades. Do dia 28/5 ao 1º/6, às 9h e às 19h, no auditório 333, haverá mesas sobre conjuntura, imprensa neoliberal, violência, drogas, imperialismo, meios alternativos, cultura emergentista na América Latina, jornalismo cultural, meios digitais e TVs públicas e estatais. Durante a tarde, à partir das 14h, no laboratório de vídeo da Comfil, haverá oficinas sobre literatura, música, dança, fotografia, exibição de traba-

lhos de conclusão de curso e cinema.

Já estão confirmados para participar desta semana os professores Paulo Arantes, Valério Arcary, Oswaldo Coggiola, Bia Abramides, Lúcio Flávio Almeida, Rosalina Santa Cruz, Pablo Ortellado, Eduardo Brito, Maurício Fiore, entre outros. Também estarão presentes representantes do MST, MTST, EZLN (México), além do cartunista Carlos Latuff e de jornalistas como Sylvia Colombo e Luiz Carlos Azenha. Para conferir a programação completa, acesse o endereço <http://semanadejornalismo.blog.terra.com.br/>. Outras informações podem ser obtidas pelos telefones 9773-4386 ou 9562-0441.

Ato e debate pela legalização do Aborto

Na quinta-feira, 24/5, o CA de Serviço Social realizou o debate *Perspectivas feministas sobre o aborto e a mulher, sobre o significado de um Estado laico e as vias para levar à frente a luta das mulheres por sua autodeterminação*, que contou com a presença de Margareth Rago, Marina Ramos, e representantes da organização Católica pelo Direito de Decidir.

Para dar continuidade as atividades, um ato nesta segunda-feira, 28/5, Dia Mundial de Ação

pela Saúde da Mulher, na Praça da Sé, lutará pelos direitos das mulheres, pela legalização do aborto e pela conseqüente adoção de medidas estatais de saúde em apoio à mulher. Pretende-se denunciar a morte de 71 mil mulheres todo ano, vítimas de abortos clandestinos e malfeitos. Para outras informações, acesse a página legalizaçaoaborto.bravehost.com ou mande um e-mail para contatocomite@gmail.com.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:**

www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Ocupação da reitoria da USP torna-se marco de resistência

O que eram 200 estudantes, hoje não se tem mais conta. A ocupação da reitoria da USP extrapolou os muros da universidade, atraindo olhares curiosos e solidários de todo o país. Com três semanas completas, e resistindo à ordem de reintegração de posse levada à cabo pela reitora Suely Vilela e pelo governador José Serra, a ocupação tem recebido larga cobertura na grande imprensa, via de regra pedindo repressão, e se tornou referência para o movimento estudantil nacional.

Depois de ter impulsionado uma greve que se estende para todas as estaduais (Unicamp, Centro Paula Souza, Unesp em indicativo) e de colocar o governador em xeque, a ocupação naturalmente ganhou opositores fervorosos. Um professor da Física, confrontado por estudantes piqueteiros, revoltou-se e acabou jogando várias das carteiras amontoadas contra os estudantes.

Intimidação

O juiz Édson Ferreira da Silva, da 13.^a Vara da Fazenda Pública, concedeu uma liminar proibindo protestos e manifestações dentro da USP. Pelo texto, todas as unidades que descumprirem a determinação sofrerão com uma multa de mil reais por dia. Também foi proibida a planfetação, sob a mesma pena. O mesmo juiz também negou a liminar que buscava ampliar o prazo para a reintegração de

posse. “É ditadura, não dá pra conceber a arbitrariedade e o autoritarismo destes atos” afirmou Bruno, da Comissão de Imprensa da Ocupação.

Professores em greve

Na quarta-feira, 23/5, os professores da USP e da Unicamp entraram em greve, somando-se aos estudantes e funcionários. A reivindicação dos docentes também diz respeito à revogação dos

decretos do governador Serra, que reduzem a autonomia universitária. Além disso, a categoria encontra-se em campanha salarial, reivindicando 3,15% de reajuste mais uma parcela fixa de R\$ 200 para os professores de tempo integral. Até o fechamento desta edição, a reitoria não havia se pronunciado quanto às reivindicações dos professores, que mantêm greve por tempo indeterminado.



FOTO BLOG DA OCUPAÇÃO

Dia 23/5 na USP: assembléia de professores decide pela greve

Professores, estudantes e trabalhadores ocupam as ruas

Neste 23 de maio, uma jornada de lutas veio dizer não às reformas que ameaçam a educação, a previdência e os direitos trabalhistas. Não aos decretos do governador José Serra e à invasão da USP pela polícia. Não à demissão dos cinco dirigentes do metrô.

A convocatória para as manifestações foi assinada por diversos movimentos sociais (incluindo o MST e o MAB, que ocuparam uma usina hidrelétrica no Pará), centrais sindicais e estudantis. Em São Paulo, diversas categorias pa-

ralisaram suas atividades, como funcionários do Banco do Brasil, das universidades estaduais e as CEFETs e professores da Apeoesp. Mais de 5 mil manifestantes foram do Masp até a Assembléia Legislativa e ao chegarem lá e terem sua entrada no prédio barrada pela polícia, entraram em confronto com a mesma. A tônica das falas nos caminhões de som era de apoio à luta dos estudantes das estaduais e da ocupação da USP, do MTST e sua ocupação João Cândido e dos metroviários demitidos.

Comunidade avalia a proposta da Reitoria

Centralização de poder, verticalização, pouca discussão dos temas: esses são alguns dos problemas levantados por professores e estudantes, ouvidos pelo *PUCviva* na semana passada sobre a proposta de redesenho institucional da universidade.

A reclamação mais comum diz respeito à pouca discussão que a Reitoria teve com a comunidade para a elaboração de seu texto. Vários professores consultados recusaram-se a emitir opinião, pois desconheciam os termos do texto.

O professor Lúcio Flávio Rodrigues Almeida, da Faculdade de Ciências Sociais, observa a falta de conhecimento da proposta pela comunidade. “Não é um processo discutido por toda a universidade, nem estão explicitadas as reais instâncias decisórias”. Lúcio Flávio relata que assistiu ao debate promovido no início deste ano sobre um novo projeto de universidade, que contou com a presença da filósofa Marilena Chauí e, apesar de discordar do conteúdo, crê que se perdeu uma extraordinária oportunidade para envolver muita gente na discussão. “E as pessoas estavam lá. No meu setor, se houve discussão, foi incipiente. É necessária uma grande participação democrática em toda a universidade, pois é o destino dela que está em questão, pondera o professor.

A professora Aldaíza Sposati, da Faculdade de Serviço Social, assinala que não conhece a proposta a fundo, mas que a princípio não a enxerga como uma proposta ascendente, ou seja, não partiu das bases da universidade. “Ela representa uma quebra com o processo democrático vivenciado nos

últimos 35 anos na PUC-SP”, diz a professora.

Na mesma linha caminhou a professora Maria da Graça Gonçalves, diretora da Faculdade de Psicologia. “É preciso ampliar a discussão para definirmos que tipo de universidade queremos”. No tocante à proposta da Reitoria, a professora considerou que ela apenas apresentou uma estrutura geral, sem detalhamentos, e seria preciso definir melhor a maneira como as diferentes instâncias se articulariam.

Na semana retrasada, quando da reunião com os funcionários, a professora Madalena Peixoto, do Centro de Educação, apresentou questões a respeito da divulgação de idéias feita pela Comissão de Redesenho, lembrando que era preciso retomar o processo de debate e torná-lo o mais público possível.

O processo

Representante docente no Conselho Universitário, a professora Salma Tannus Muchail comentou sobre o processo de levantamento e sistematização de propostas para o redesenho. Para Salma, a idéia da Comissão de Redesenho Institucional (Cori) é válida. “A comissão estabeleceu um cronograma para recolher material de diversas unidades. Mas, após isso, o que tem de ser feito é juntar todas essas propostas e levá-las para serem discutidas em público”, salienta a professora. Ela também vê com bons olhos o uso da Internet como meio de participação da comunidade, mas acredita que não se pode parar por aí.

“A Internet talvez seja o meio mais fácil atualmente para colher propostas, mas não exclusivamente”.

Aumento de custos

Além de insistir no problema da pouca discussão da proposta, o professor Luiz Carlos Campos, diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, levantou algumas dúvidas decorrentes da pouca explicitação das idéias da Reitoria. “A proposta deveria ser melhor discutida em termos econômicos, para que possa-se esclarecer se ela é ou não mais onerosa do que a atual estrutura em vigor”. O professor também levantou a questão da extinção do Conselho Departamental, que atualmente faz a intermediação das discussões entre as diversas instâncias da universidade.

Da mesma maneira se expressou a diretora da Faculdade de Serviço Social, Maria do Socorro Reis Cabral, para quem o enxugamento das estruturas intermediárias pode ser danoso à democracia da universidade. “O crescimento exponencial das chamadas pró-reitorias pode significar a ampliação de estruturas vinculadas a cargos não-eletivos”, conclui a professora.

Ao côro, soma-se a voz do representante discente do Conselho Comunitário. Fábio Nassif diz que “aparentemente, este redesenho caminha no rumo da diminuição da democracia interna. E a proposta de redesenho apresentada pela Reitoria recentemente é bastião deste processo, centralizando o poder nas mãos da atual gestão e de seus apadrinhados, que ganharão novos cargos”.

Carta aos professores sobre o redesenho institucional

Tomamos a iniciativa de convidar os professores a uma reunião no dia 31 de maio para discutir o projeto da Reitoria sobre o denominado redesenho institucional da PUC-SP. Verificamos que a proposta está sendo debatida pelos setores isoladamente, e que suscitou mais dúvida do que certeza. Os comentários, certamente, ainda se dão sobre uma exposição geral da nova estrutura pretendida.

A primeira questão também é de ordem geral: há uma real necessidade de mudança estrutural?

A partir dela, outros questionamentos surgem.

Se há morosidade burocrática, como se alega, não bastaria atuar modificando os fluxos internos à burocracia, intervindo onde se necessita maior agilização?

O “redesenho”, fundamentado nos Institutos, nas câmaras e na gestão de pró-reitores, não daria uma configuração mais burocrática ainda?

Não se restringiria a parca democracia institucional?

Não há intenção, com essa reestruturação, de esvaziar a representação no Conselho Universitário e de outras instâncias por onde os proble-

mas de política educacional se manifestam?

Nesse mesmo sentido, não se enfraqueceriam as instâncias de base, como os departamentos?

Financeiramente, a nova estrutura não seria mais dispendiosa? A idéia de autonomia dos Institutos não vem no sentido da mercantilização? Não se criariam Institutos fortes e fracos?

O projeto da Reitoria não nos convenceu de que estas questões não se justificam. Pelo contrário, aumenta a preocupação dos professores que acompanham o funcionamento da universidade e estão inseridos na vida acadêmica.

De nossa parte, entendemos que o redesenho é parte da crise financeira, educacional e social. Assinalamos oportunamente os riscos que a PUC-SP enfrentaria com o anúncio de que teria de haver uma reforma estatutária. O cerceamento da democracia interna, que não é tão ampla, é um dos riscos.

Mas cabe aos professores, funcionários e estudantes analisarem coletivamente, para se ter um claro parecer sobre o que representa o projeto de reforma da Reitoria. Eis por que a APROPUC convoca os colegas a se manifestarem.

Diretoria da APROPUC

Reunião Aberta dos Professores sobre o Redesenho Institucional

31/5

5.^a feira – 18 horas

Sede da APROPUC – Rua Bartira, 407

Sobre o complexo de Ubaldo*

*Resposta à carta da Reitoria sobre a audiência pública
pedida pelo Conselho de Centros Acadêmicos*

CA Benevides Paixão

Mais uma vez a Reitoria utiliza seu grande aparato monopolizador das informações correntes na universidade, para tentar esquarterjar as entidades estudantis e driblar aquele que é o seu calcanhar de Aquiles: o diálogo.

Nesta resposta, desmascaramos ponto a ponto as novas mentiras anunciadas por nossos gestores.

O primeiro diz respeito ao não-agendamento da reunião. Esta tarefa seria plenamente possível se nossa Magnífica Reitora não estivesse encastelada, tratando de tudo e de todos do alto da sua torre de marfim. Esta é uma percepção primária. Nos perguntemos: quantos de nós já vimos Maura Véras pelos corredores desta universidade? Para muitos, sua existência firma-se como a de mais uma entidade incorpórea e santa da Igreja Católica.

Ainda dentro da questão do agendamento, surge o segundo ponto. Trata-se da convocação feita à reitoria. Em vista da tarefa extraterrena que é agendar qualquer atividade com a Reitoria, mandamos uma carta na qual convidamos – e esta sim foi a palavra usada – a reitoria para uma audiência pública a respeito das pautas de bolsas e inadimplência. Caso haja dúvidas, existe uma cópia protocolada da carta enviada. Uma prova, caso tenhamos qualquer problema.

Aliás, as entidades têm uma prova. Mas e a Reitoria? Tem provas do que diz? Daqui, já entramos em nosso terceiro e mais pegajoso ponto: o suposto panfleto conclamando a ocupação do castelo. Nossa Reitoria ainda não aprendeu que mentir é feio e pode gerar ações judiciais, apesar de sua grande experiência em mover

processos. Este panfleto nunca existiu. Temos, sim, cartazes que foram afixados na universidade, chamando os estudantes a participarem da possível audiência com a reitoria.

Dizer que foram espalhados tais panfletos é subestimar por demais a inteligência de toda a comunidade puquiiana. Quem de fato acreditaria que um movimento, por qualquer que seja, ou por mais ingênuo que seja, divulgaria a torto e a direito uma das ações mais sérias, trabalhosas e radicalizadas que se pode construir para o alcance de uma reivindicação?

Um ponto leva a outro e cá entramos no quarto ponto. A Reitoria diz que nosso convite foi uma tentativa, frustrada por ela, de parodiar a ocupação que ocorre hoje na USP. Puro “complexo de Ubaldo”. É fato que as universidades do estado de São Paulo mostram que a liberdade da cavalgada sobre a autonomia e qualidade de ensino está com seus dias contados. É fato também que a grande demonstração de força e mobilização que ocorre na USP, na Unesp e ocorreu há pouco na Unicamp, dá energia para a retomada de mobilização também aqui em nossa universidade. Mas sabemos muito bem qual a atual correlação das forças aqui presentes. Além disso, sabemos que o movimento estudantil da PUC-SP tem suas próprias feições e modo de organização. Sendo assim, são completamente incabíveis e infundados os pressupostos alardeados por nossos gestores.

É por meio de pré-supostos, pré-conceitos, pré-julgamentos, que a Reitoria foge de sua obrigação de saber o que aflige a universidade e, especificamente, os estudantes. Tal atitude demonstra, mais uma vez, o que já é bem claro para todos na PUC-SP: NÃO HÁ DIÁLOGO. E mais uma vez, apesar de a Reitoria

bradar o contrário, tentamos dialogar. Tentamos convidar nossa reitoria para esclarecer, abertamente, na frente de todos que desejassem vê-la, a situação das bolsas e do tratamento dado aos inadimplentes em nossa universidade. Novamente, numa demonstração de completa falta de tato político, a Reitoria gastou fichas.

Por último, mas não menos importante, é preciso desmascarar os números apresentados. Números jogados rapidamente, sem contextualização, de forma simplista e atropelada. Uma escrita que se assemelha à tentativa falha de uma criança esbaforida em explicar por que devorou os doces daqueles que os cobram. É esse o nervosismo de quem tenta escamotear o corte de 1.565 bolsas e o vergonhoso ato institucional divulgado no começo deste ano, que impede inadimplentes de pisarem em sala de aula e prevê a punição de professores e funcionários que os ajudarem.

Contudo, continuaremos a promover o diálogo. Tentaremos, se possível, agendar uma audiência pública com a Magnífica Reitora Maura Véras. Provamos assim, novamente, que diálogo não é problema para os Centros Acadêmicos da PUC-SP, mas pode ser para quem olha para a universidade do alto da torre.

** Ubaldo é um famoso personagem de Henfil com mania de perseguição.*

Centro Acadêmico Benevides Paixão



A essência de Bento XVI: realidade, santidade, revolução

Antonio Marchionni

A quem me perguntasse qual foi a essência dos discursos e atos de Bento XVI no Brasil responderia com três palavras: realidade, santidade, revolução.

A Realidade. O que é a realidade? O teólogo mineiro João Libânio teria dito a um jornal: “Nós fazemos teologia indo da realidade à doutrina, o papa vai da doutrina à realidade”. Bento XVI previu a questão. No salão da Conferência do Bispado da América Latina e do Caribe, falava ele sobre a *prioridade* da fé em Cristo e da vida “nEle” e disse: “Poderia surgir uma pergunta – esta *prioridade* não seria uma fuga para o intimismo, um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, uma fuga da realidade? Como primeiro passo, podemos responder com outra pergunta: o que é a ‘realidade’? O que é o real? São realidades somente os bens materiais, os problemas sociais? Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes no último século, erro destrutivo, como demonstram os resultados dos sistemas marxistas e capitalistas. Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade decisiva, que é Deus”. Ingenuamente alguém esperou um Bento XVI em conluio com as teses da USP e das universidades asseclas, para as quais a “realidade” consiste na Matéria e em suas leis decifradas pela razão científica. A humanidade se divide em dois tipos de pessoas: aquelas cujo Deus (força que tudo move) é a Matéria, e aquelas cujo Deus é o Espírito. O Papa e os católicos pertencem a este segundo grupo e apenas os desprovidos de tal notícia esperam de um papa concessões “progressistas” ao catecismo materialista. As coisas, na religião, são calculadas num arco que vai do nascimento à eternidade, não do nascimento à pá do cozeiro, como crêem Comte-Sponville e os reinventores do hedonismo antigo. É o olhar para o Eterno que conduz a Igreja Católica quando

esta defende embriões, família unida, espiritualidade e fidelidade no sexo como antídoto às doenças.

A Santidade. Bento XVI foi incisivo: a única coisa que os católicos devem fazer é tornarem-se santos. Todo o resto, inclusive a justiça social, decorre disso. Ele veio recordar que a essência do Cristianismo consiste em assimilar-se a Deus na pessoa do Deus visível, que é Cristo: em Cristo conhecemos Deus. Ainda que a santidade seja um ideal difícil, ela deve constituir a estrela polar que, distante, indica o caminho. Também Jesus propôs aos discípulos um ideal inalcançável: “Sede perfeitos como o vosso Pai do céu é perfeito” (Mateus 5). É para isso que serve um ideal, para termos uma referência, ainda que vivida em ziguezague. Bento XVI sabe que a virgindade foi fácil por dois mil anos até 1960, quando os jovens casavam aos 15-18 anos, e ficou difícil agora que o casamento deslizou para os 24-30 anos; mas ele propõe o ideal, que iluminará a juventude contra a banalização do sexo e a violação dos direitos dos pequenos fetos pelos adultos. Será pela santidade, não pelas televisões ou concessões à praça ou estratégias sociológicas, que a Igreja fortalecerá suas fileiras. A santidade atrai por si só: “Quando eu for levantado da terra na cruz, atrairei todos a mim” (João 12). Bento XVI insistiu sobre os meios católicos para a santidade: sacramentos, meditação, intimidade com Cristo-Deus. Ele insistiu sobre a *catequese* (ensino da fé), que encolheu no Brasil e alcança apenas 10-15% da garotada, deixando a nação sem escola de moral. Ele recordou que existe um *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, livro universal contra a mania de confiar em livrinhos ao sabor de cada diocese ou grupo.

A Revolução. O Papa foi essencial: as reformas sociais virão da santidade. Falidas as teses socialistas e capitalistas, falida a retórica universitária, falidas as políticas e economias, só resta um meio: a santidade. Os filósofos católicos franceses Maritain, Mounier e Guittton já diziam que a santidade auxiliará o Iluminismo a praticar os direitos humanos que

este anunciou e não consegue realizar. Bento XVI recordou várias vezes a existência do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, a ser estudado nas comunidades (e nas universidades católicas). No Campo de Marte ele aumentou a voz: “De Deus e dos santos virá a revolução”. No salão da Conferência, Bento XVI apresentou aos bispos uma equação poderosa: a justiça depende de estruturas justas, as estruturas dependem do consenso moral na sociedade, o consenso moral é garantido por Deus: “Não quero afirmar que os não-crentes não possam viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que uma sociedade na qual Deus está ausente não encontra o *consenso* necessário sobre os valores morais e a *força* para viver segundo a pauta destes valores”. Bento XVI vê na Razão moderna um *déficit motivacional*, reconhecido também pelos agnósticos Habermas e Norberto Bobbio: a Razão tem dificuldade em praticar o que entende, como provam as anormalidades modernas. Isso posto, o Papa instou Bispos e Sacerdotes a permanecerem consagrados a Deus no celibato, a concentrar a ação pastoral em “formar consciências”, a fomentar intelectuais, a enviar leigos católicos e santos para as esferas da política, da empresa, da universidade, da vida civil. Uma nação com cidadãos santos infalivelmente produz a revolução salarial. A opção preferencial pelos pobres – ele disse – está no âmago do cristianismo, mas será do pão da doutrina e do pão da eucaristia que virá para todos o pão de cada dia.

“Se o Senhor não edificar a casa [e a universidade] em vão trabalham os que a edificam” (Salmo 127). A essência de Bento XVI, incompreendida pelos adoradores da Matéria, é sintonizada pelos adoradores do Deus Vivo.

Antonio Marchionni é professor do Departamento de Teologia



Rola na rampa



FOTOS JULIA CHEQUER



Acima a banda Triângulo Torto anima a noite de encerramento da Semana do Assistente Social. No destaque a fala da professora Bia Abramides

Forró no encerramento da Semana do Assistente Social

Após uma semana repleta de atividades, entre debates e exibições de vídeos, a Semana do Assistente Social deste ano foi encerrada, no dia 18/5, com muita troca de experiências e descontração, numa confraternização realizada na sede da APROPUC. Antes dos comes e bebes, foram apresentados três vídeos produzidos por estudantes do curso. O primeiro tratou sobre

a condição social do índio em nossa sociedade. O segundo, sobre a cidade de São Paulo e seus contrastes. E o terceiro retratou as manifestações ocorridas na PUC-SP em 2006, após a crise gerada pela demissão em massa de trabalhadores. Após os vídeos, a banda de forró *Triângulo Torto*, formada por estudantes do curso, arrematou a noite em grande estilo.

Evento debate Revolução Russa

O Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária, do pós em Ciências Sociais) lança nesta semana o número 11 da revista *Verve*. Para acompanhar, haverá uma aula com teatro e vídeo sobre *Emma Goldman na Revolução Russa*. O lançamento está

marcado para esta segunda-feira, 28/5, às 19h, no Tucarena. Haverá uma mesa redonda com Salete Oliveira, Cibele Troyano, Natália Montebello, Beatriz Carneiro e Margareth Rago. Mais informações na página www.nu-sol.org.

Lançamento da Norma Nacional de Descrição para Arquivos

Nesta quinta-feira, 31/5, às 17:30h, o Centro de Documentação e Informação Científica (Cedic/PUC-SP) promoverá o lançamento da Norma Brasileira de Descrição Arquivística – Nobrade. O evento será realizado no câmpus Monte Alegre da PUC-SP, com a presença do professor Vítor Manoel Marques

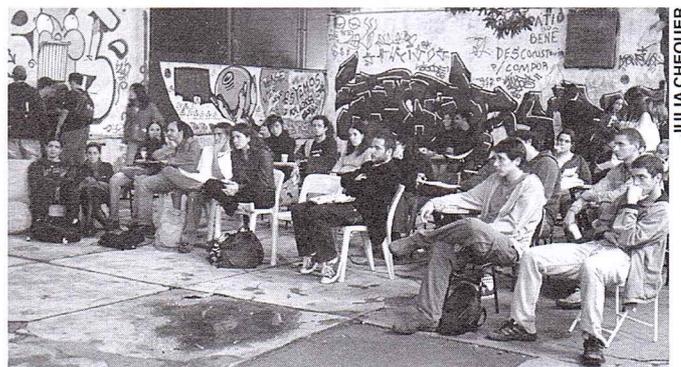
da Fonseca, Presidente da Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística. Ele falará sobre *A importância das normas nacionais de descrição*, no auditório 333. A presença no lançamento deverá ser confirmada pelo endereço coortec-cedic@pucsp.br ou pelo telefone 3670-8026.

Inscrições para a Bolsa Alimentação

Entre os dias 28 e 31/5, das 9 às 17h30, os associados da AFAPUC poderão se inscrever para a Bolsa Alimentação, na sede da entidade (corredor da Cardoso).

Novas carteirinhas da APROPUC

No começo do mês de junho, os professores associados à APROPUC receberão em suas residências suas novas carteirinhas de associados.



JULIA CHEQUER

Cursos voltam a discutir bolsas em assembléias

Na semana passada, diversos cursos da PUC-SP entre eles Psicologia, Ciências Sociais, Direito, História, Geografia e Comunicação voltaram a realizar assembléias para debater a necessidade de mais bolsas de estudo e premências específicas de cada curso. Desta vez, entrou também

em pauta a recusa da Reitoria ao convite de audiência pública feito pelo Conselho de Centros Acadêmicos (CCA). Durante as assembléias, os CAs reiteraram seu interesse em dialogar com a Reitoria. Na foto os estudantes de Comunicação debatem no Corredor da Cardoso.